



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13625 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

NA GINGA DA MATRIZ CULTURAL DE TERREIRO ANGOLA PELA DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO.

Sueli S. Santos - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Zuleide Paiva da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

### NA GINGA DA MATRIZ CULTURAL DE TERREIRO ANGOLA PELA DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO.

**Resumo.** O estudo ora apresentado foi realizado em um mestrado profissional no campo da Educação e teve como propósito analisar pedagogias de terreiro, aqui pensadas como processos de ensinagens e aprendizagens desenvolvidas em terreiros de matriz africana. Partindo do entendimento que os terreiros de candomblé se constituem como espaços de educação dotados de dinâmicas sociais próprias, capazes de reproduzir modos próprios de aprender e ensinar ao longo das gerações, o interesse é refletir os atravessamentos de gênero e sexualidade nos processos formativos em um terreiro de matriz cultural Angola. Para tanto, assume a ginga feminista como dispositivo teórico metodológico, e a interseccionalidade como princípio da pesquisa.

**Palavras-chave:** Pedagogias de Terreiro. Ginga. Gênero. Sexualidade.

### INTRODUÇÃO

Este resumo expandido é produto de uma pesquisa interventiva realizada em um Mestrado Profissional em Educação oferecido por uma universidade pública localizada na Bahia. A referida pesquisa apreende como objeto as pedagogias de terreiro, aqui pensadas em diálogo com Tássio Ferreira (2021) como processos de ensinagem e aprendizagem em terreiros de matriz africana. Nessa perspectiva, as pedagogias de terreiro consistem em práticas de observação da rotina e execução das tarefas demandas nos espaços do terreiro, de modo que a aprendizagem acontece a partir da experiência do corpo.

Com esse entendimento, como professoras lésbicas iniciadas no candomblé, nos reconhecemos produtoras de pedagogias de terreiro, e desse lugar situado questionamos como as questões de gênero e sexualidade afetam nossas práticas pedagógicas no terreiro? Como o

gênero e a sexualidade afetam, forjam as pedagogias de terreiros?

Assumindo a experiência (SCOTT, 1999) como ponto de partida no processo de construção de conhecimento, nosso propósito é analisar os atravessamentos de gênero e sexualidade nas pedagogias de terreiro desenvolvidas em terreiro de nação Angola. Para tanto, reconhecemos a ginga na capoeira Angola como um jogo discursivo, um falso conflito, como ensina mestra Janja Araújo (2015). Assim, assumimos a ginga feminista como dispositivo teórico metodológico do estudo. Nesse jogo, “[...] eu necessito do corpo da outra pessoa para enfrentar aquilo que eu sozinha na infidelidade eterna do espelho eu não consigo” (ARAÚJO, 2013, p. 12).

Desde o campo feminista, assim como na capoeira Angola, a ginga educa, e educar é algo muito maior que compreender e reproduzir conteúdos, “é olhar para o mundo e tornar-se parte implicada na produção, gestão e difusão do conhecimento que se refazem e se renovam (ARAÚJO, 2013, p.15). Nesse jogo narrado eu me relato observando o que deve ser esquecido e o que pode ser falado.

## **A INTERSECCIONALIDADE COMO PRINCÍPIO DA PESQUISA**

Conhecendo a história de violência sofrida pelas mulheres do candomblé que me/nos antecederam, reconheço que a minha história é atravessada pelas histórias dessas mulheres, e de tantas outras, pois, como afirma Butler (2015), o “Eu” que relata não tem uma história própria que não seja uma relação, ou um conjunto de relações, com uma série de normas. Isso significa que o “Eu” pode começar um relato de si mesmo, mas logo descobrirá que esse “si mesmo” já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração. Isso significa, sobretudo, que a minha existência negra, lésbica candomblecista não faz sentido sem a história das(os) nossos(as) ancestrais.

Assim, gingando com outras lésbicas do terreiro na expectativa de dar sentido para a ginga feminista como um dispositivo teórico metodológico, produzimos o seguinte verbete:

### Ginga feminista <sup>[1]</sup>

[...] No campo da ciência, ginga feminista é epistemologia negra, um modo de conhecer, saber/fazer que começa com a teoria da perspectiva das mulheres negras sobre a vida social. Produzindo e dando sentido ao feminismo angoleiro, o ponto de partida da ginga feminista é a crítica feminista ao poder masculino que se impôs, e segue se impondo, ao mundo como maneira única de conhecer. [...]

Assim pensada, a ginga feminista também se refere à Rainha Ginga, entidade da nobreza religiosa nas festividades do congado, espalhadas pelo Brasil (ARAÚJO, 2004). A rainha Nzinga, soberana mbundu, grande estrategista, negociadora, favoreceu a figura feminina. Feroz e inimiga dos colonos conquistou o reino de Matamba. Sua presença forte atravessou o Atlântico e esteve presente nos imaginários dos povos dos quilombos e nas batalhas com o rei do Kongo. Nesse jogo angoleiro, inspirada pela rainha Nzinga, a ginga

feminista é uma força. Com essa força, abro a roda de conversa com a comunidade de terreiro em torno das suas/nossas práticas pedagógicas nesse espaço. Apresento o objetivo da roda, qual seja: compreender como a sexualidade e diversidade de gênero atravessam nossas vivências no terreiro. Conversando também busco compreender de que forma essas categorias atravessam as relações sociais e litúrgicas.

Partindo dessa compreensão, nesse estudo torna-se indispensável refletir as relações entre religiosos (as) do candomblé e as relações de gênero e de sexualidade a partir do conceito de interseccionalidade como princípio do campo feminista. Como afirma Collins e Bilge 2021:

[...] Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária, entre outras, são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (COLLINS E BILGE, 2021,p.17).

Como princípio do campo feminista, a interseccionalidade é uma categoria política que evidencia uma mudança paradigmática, uma vez que potencializa o surgimento de outras “vozes”, outros “corpos” e novas interpretações da realidade vivida.

## UMA GINGA NO TERREIRO

A história do nosso terreiro começa com nossa vó de santo Kayagocy, que também era lésbica. Sem filhos, ela construiu sua família biológica parental com os seus sobrinhos, os quais foram iniciados no candomblé ainda crianças. Mais tarde, essa família parental mudou de crença deixando nossa vó aos cuidados da nossa família religiosa. Porém, na ocasião de sua morte, a família parental não permitiu a entrada do povo de santo no enterro, nem permitiu que nossa vó recebesse os rituais fúnebres da nossa religião.

Fruto dessa matriz, a nossa família religiosa, do terreiro Lembarocy, tem em torno de 30 pessoas, e metade participou da primeira ginga feminista que realizamos no terreiro. A ginga aconteceu em um dia de ritual voltado para os eguns (mortos), com o propósito de discutir as relações entre irmãos e irmãs. A roda fluiu com poucas interferências, embora tenha conduzido à conversa de modo que as pessoas mais velhas falassem primeiro. Sem dúvida, essa condução levou em conta o entendimento de que a pesquisadora deve ser ativa, saber conduzir o jogo, sem deixar de se manter modesta e discreta (KAUFMANN, 2013).

A conversa durou em torno de 40 minutos, sendo abordadas questões relativas às violências de gênero no terreiro. Foi marcado o incômodo das *makotas* lésbicas em relação ao comportamento de um *ogan* que insiste em impor sua autoridade religiosa de forma desrespeitosa. Um dos irmãos, também *ogan*, não observou violência no comportamento do outro, embora reconheça que há excessos, fato que aponta para cumplicidade entre os homens. Para a *Mametu*, há abusos, e isso não pode continuar acontecendo.

A conversa foi finalizada naquela intervenção mostrando inquietações, e evidências da necessidade de outras gingas feministas no terreiro. Todas as pessoas puderam falar, mas

nem todas se colocaram, sobretudo, as mais novas. Entendemos que é preciso transformar o silêncio em ação, promovendo a reflexão em torno das nossas práticas no terreiro, com permissão e incentivo da nossa *Mametu*.

O que podemos visualizar é que as relações religiosas no Terreiro *Lembarocy* estão sendo prejudicadas em função das relações desiguais de gênero. A *mametu* reconhece que a mesma precisa fazer uma interdição junto ao responsável pelo desequilíbrio do espaço, mas em sua fala podemos perceber certa dificuldade em lidar com o autoritarismo do rapaz, que é um Tata (o mesmo que ogan nos terreiros ketu- responsável, entre outras coisas, por invocar as entidades através do atabaque). Outro aspecto que pode ter contribuído para essa percepção de dificuldade é a situação de saúde da *mametu* de *inkisi*, fragilizada após sucessivas intervenções médico-hospitalares nos últimos tempos e agravadas com a pandemia.

É visível dentro do terreiro a existência de uma imposição do respeito em razão do posto de tata, sem considerar a ordem hierárquica das mulheres, tentando fazer prevalecer à força, o grito ou, em alguns casos, tentativas de desmoralização. Isso, a meu ver, beira uma relação abusiva, como sugere Akotirene (2019), que a dominação masculina no terreiro se reconfigura com a ocupação em cargos religiosos transpondo assim masculinidades hegemônicas.

Uma violência que às vezes silenciemos pelo respeito à fé ou a saúde fragilizada da mãe de santo. Com essa percepção, seguimos na expectativa de poder através da roda de conversa potencializar evidenciar como é doentia a relação que os homens têm com as mulheres da casa.

No terreiro somos sete lésbicas que assumimos com muita responsabilidade nossos cargos, contribuimos para o crescimento da casa e, sobretudo, para o fortalecimento da nossa religião. Reconhecendo nossa ativa participação nos rituais, a *Mametu* costuma carinhosamente nos chamar “minhas sapatinhas” (uma referência ao termo sapatão, referido as lésbicas) o que na gíngua discursiva podemos compreender que o afeto nessas palavras é reconhecimento da dedicação e trabalho que desenvolvemos.

Avalio que essa conversa de pesquisa com a nossa comunidade religiosa foi pedagogicamente importante. Mostrou que as *makotas* lésbicas estão atentas, que não aceitamos abuso de autoridade no terreiro, nem fora dele. Mostrou ainda que temos a confiança e o apoio da nossa *mametu* para continuarmos gingando, aprendendo e ensinado que é preciso respeito entre nós. Somos “as sapatinhas” da *mametu*, como ela gosta de dizer. E desse lugar, seguiremos em gíngua feminista.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Como professoras lésbicas *makotas*, produtoras de pedagogias de terreiro, somos sujeitas ensinantes e aprendizes, no terreiro e fora dele. Sabemos e ensinamos que longe da auto-organização e das redes afetivas não há segurança para nós. Assim, seguimos em movimento de aprender e ensinar outros modos de ser e estar no mundo em rede. Fortalecer a

rede familiar no espaço de terreiro é o nosso maior desafio. Finalizamos este estudo certo que o mesmo potencializou essa tessitura.

## REFERENCIAS

ARAÚJO, R. C. Abrindo a roda: conhecimentos que gingam. **Revista Z Cultural**, v. 2, p. 1-19, 2013.

ARAÚJO, R. C. **Iê, viva meu mestre**: a capoeira Angola da “escola pastiana” como práxis educativa. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação de São Paulo - São Paulo, 2004.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p. ISBN 978-85-98349-69-5

BUTLER, J.. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

COLLINS E BILGE, Patricia Hill, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza, 1ª ed. São Paulo Boitempo 2021.

FERREIRA, T. **Pedagogias da circularidade, ensinagens de terreiro**. Rio de Janeiro: Telhas, 2021.

SCOTT, J. **Experiência**. In: SILVA, A. L.; LAGO, M. C. de S.; RAMOS, T. R. O.(Orgs.). Falas de Gênero. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999.

---

[1] Verbete produzido com a Mestra Janja e com a orientadora desse estudo para o livro “Educação e(m) Diversidade: abecedário pedagógico em devir”, que encontra-se em processo de organização com publicação prevista para 2024.